

Discussão 12

Folclore infantil, um mundo de brincadeiras educativas



No Capítulo 12 da História do Pequeno Reino

A chuva continua a cair no Pequeno Reino, e a Rainha conta histórias, contos e lendas para os pequenos Súditos, e também ensina parlendas, trava-línguas e poesias. Ela dá ideias para que eles criem rimas e inventem novas histórias, e todos escrevem, ilustram e fazem livros contando as melhores delas.



O folclore constitui um enorme acervo cultural, construído ao longo da história, que está sendo perdido à medida que as cidades e seu modo de vida ganham mais espaço. Centros de Educação Infantil e escolas devem se tornar locais que, ao utilizarem esses fantásticos recursos em suas atividades educativas, contribuem para sua preservação e enriquecem a formação das crianças.



Ideias e Sugestões

Por mais modesta que seja uma creche ou escola, as educadoras sempre contam com um grande acervo de atividades que podem ser imensamente produtivas para a educação das crianças: são as cantigas de roda, os jogos "clássicos", as músicas, as parlendas, os trava-línguas, as lendas, as histórias e as poesias que fazem parte de nosso folclore.

Aliás, mesmo que você trabalhe na mais rica das escolas, o folclore infantil deve ser considerado como uma fonte indispensável de educação das crianças, facilitando o desenvolvimento da linguagem, da imaginação, da criatividade, além do conhecimento da cultura.



Vamos agora ver uma maneira divertida de introduzir muitas atividades "folclóricas" na vida de nossas crianças.

As cartas imaginárias e o Saci-Pererê: um exemplo de brincadeiras com o folclore infantil

Já falamos bastante, dentro desta proposta, sobre a importância de trocar cartas e bilhetes com pessoas "reais". Mas as crianças também gostam muito de receber e de escrever cartas para os mais diferentes **personagens imaginários**. Isso alimenta ainda mais a vontade de aprender a ler e a escrever e permite que educadoras e crianças soltem a sua imaginação.



O texto que vamos mostrar a seguir foi distribuído de 1992 a 1994 para as creches das cidades conveniadas com o *Projeto Araucária*. Esse texto, com sugestões para aprontar "travessuras" e esconder cartas imaginárias escritas pelo personagem "Saci", foi pensando como uma unidade contendo sugestões de atividades, e foi entregue às educadoras e às coordenadoras pedagógicas das creches.

É importante lembrar o grande interesse provocado por essa "unidade", que representou uma experiência

que obteve um enorme sucesso ao propor atividades mais imaginativas para o trabalho educativo com grupos de crianças de quatro a seis anos. Ao longo dos três anos de experiências com essas sugestões, ficamos espantados com o grande sucesso das "cartas do Saci" para gerar um enorme número de atividades, de desenhos e de produções. As pessoas que trabalhavam junto ao *Projeto Araucária*, naquela época, ainda têm na lembrança as imagens de salas cobertas de bonés, de desenhos, de garrafas vazias em que as crianças relatavam ter aprisionado o Saci...

Muitas das idéias mostradas nas próximas páginas podem ter um grande interesse para quem trabalha com crianças mais velhas. Mesmo não aproveitando a sugestão de elaborar cartas para o Saci, você encontra aqui um bom apanhado de alguns elementos "clássicos" de nosso folclore.



Projeto Araucária – Centro de Apoio à Educação Pré escolar

Unidade - FOLCLORE

Prezada educadora: aqui estão algumas sugestões com temas ligados às nossas tradições e ao nosso folclore. Para motivar mais as crianças, essas sugestões são apresentadas em "cartas", que você poderá preparar, enviadas por um famoso personagem do folclore brasileiro, o "Saci-Pererê".

Se você conhece outros personagens, histórias, poesias, lendas, jogos e músicas que fazem parte de nossa tradição, seria interessante ir ensinando e contando para as crianças. Caso você conheça alguém que tenha muitas histórias folclóricas para contar (como por exemplo: lendas dos índios; histórias de Saci, mula-sem-cabeça, boitatá, etc.) seria interessante trazer essa pessoa até a creche, de vez em quando, para contar histórias e brincar com as crianças.

Tema 1 – A carta do Saci-Pererê

Para começar, a educadora pode chegar na sala com um envelope e dizer alguma coisa como: "Vejam só o que eu achei embaixo da porta. De quem será?".

Depois de deixar as crianças examinarem o envelope e a carta – que terá sido preparada por você, antes – você pode contar que a carta foi enviada pelo Saci-Pererê e perguntar se alguém já ouviu falar nele. Você pode mostrar uma imagem do Saci, por exemplo, tirando uma cópia da imagem abaixo.

Depois, você pode falar um pouco sobre o Saci para as crianças. O texto a seguir, baseado na peça *O Saci*, de Jean e Paulo Garfunkel, poderá ajudá-la:

O SACI



O Saci é um moleque pretinho e tihoso, que tem uma perna só e vive solto pelas matas e florestas brasileiras, armando um monte de travessuras para cima de todos os bichos. Ele também adora atazanar os homens, fazendo coisas como assustar as galinhas, estragar os ovos, queimar o feijão, derrubar sal no chão das cozinhas, jogar moscas na sopa, "rezar" os milhos de pipoca na panela, assustar os cachorros e fazer tranças nas crinas dos cavalos. Dizem que o Saci não é mau, mas que adora fazer todo o tipo de "molecagem".

Na "verdade", "existem" milhares de sacis e não apenas um. Uma das versões desse personagem de nosso folclore afirma que os sacis só nascem depois de permanecerem durante 7 anos dentro dos gomos das frutas de uma árvore chamada taquaraçu. Vivem então exatos 77 anos, "pintando o 7". Quando morrem, transformam-se nos cogumelos que conhecemos como "orelhas-de-pau".

Eles têm um furinho bem no meio da palma de cada mão e adoram carregar uma brasinha e brincar de passá-la de uma mão para outra pelos furinhos, antes de colocá-la em um pequeno cachimbo (um "pito") que trazem sempre na boca. Além disso, eles têm sempre na cabeça uma carapuça vermelha, que é sua arma secreta. Quem conseguir tomar e esconder a carapuça de um Saci, torna-se senhor dele.





A primeira “carta do Saci” pode, por exemplo, ser escrita com o seguinte texto:

Mata dos Tucanos, dia de São Nunca.

Oi, criançada! Aqui quem tá falando é o Saci-pererê.

Vocês me conhecem? Pois se não conhecem, vão conhecer, porque eu vou aprontar muito por aí!

“Quem é que nunca me viu? Tem cara de pavio!”

Pra quem não me conhece, fique sabendo que vai conhecer, porque eu vou aparecer aí e vou aprontar, vou incomodar, vou dar susto, vou roubar e ninguém vai me pegar! Me esperem!

Bom, mas por enquanto eu quero ver se vocês sabem alguma coisa. Quem é que pode repetir o seguinte?

“O Saci tem peito preto

O peito do Saci é preto.

Quem disser que o peito do Saci

não é preto,

tem o peito mais preto,

do que o peito do Saci.”

Antes de ir embora, eu queria dizer que o Saci gosta de ver criança feliz e brincando. Então eu vou agora ensinar uma brincadeira pra vocês: é uma brincadeira em que a pessoa que for chamada deve ir pulando por cima das outras, enquanto todas as outras crianças vão cantando o seguinte;

“Lá em cima daquele morro

Passa boi passa boiada.

Também passa o <<Guilherme>>

Com a calça remendada!”

Depois é só ir mudando o nome da criança cada vez, tá bom?

Então tchau por enquanto, piazzada! Eu vou voltar.

Assinado: Saci-Pererê.



Normalmente boa parte das crianças deverá ficar bastante interessada pela carta do Saci, e terá vontade de realizar as atividades sugeridas por ele. Nos próximos temas, outras cartas irão aparecer, em que o Saci irá sugerir adivinhações, parlendas, contar histórias e ensinar algumas cantigas de roda e poesias.

As atividades do primeiro dia podem ser completadas com as crianças fazendo alguns “sacis”, com os quais irão brincar. Como? Desenhando, pintando, modelando, fazendo dobraduras com papel, bonecos costurados ou com sucata. Você e as crianças podem decidir, em função dos materiais disponíveis e de sua habilidade e imaginação, como fazer para representar um Saci. Por exemplo: se você sabe costurar, pode deixar um lugar (uma mesinha ou um cantinho qualquer) com materiais (agulhas, panos, “recheio”, etc.). As crianças que quiserem irão ajudá-la a “fazer sacis”. Você deverá procurar envolver as crianças ao máximo na atividade, deixando-as ajudar, mostrando e falando sobre os instrumentos que você usa, etc.



Veja bem, educadora, esse é apenas um exemplo. Se você não tem condições, no momento da atividade, de “costurar” alguns sacis, pode pensar em outra solução (madeira, dobradura, sucata, etc.). Além disso, você pode estar pensando algo como: “Mas eu não posso ensinar ao mesmo tempo 20 crianças a costurar!”.

Claro que não, e é por isso mesmo que nós sugerimos que as atividades sejam feitas em pequenos grupos.

No nosso exemplo, antes de começar a costurar, você pode deixar outras “mesinhas” prontas, nas quais as crianças poderão fazer outras coisas. Você e as crianças podem participar da preparação das mesinhas. Veja algumas ideias para as atividades nessas outras mesinhas:

- uma ou duas mesinhas para fazer material para uma “fantasia de Saci”: numa o cachimbo e na outra o capuz vermelho. Você pode contar para as crianças que, nessas duas mesinhas, a ideia é

preparar fantasias para brincar de Saci (porém as crianças poderão também montar e desenhar outras coisas);

- desenho livre;
- jogos livres, com carrinhos, bichinhos, etc.;
- modelagem (as próprias crianças podem preparar a massinha);
- recortar de revistas figuras de bichos e florestas. Com essas figuras, poderemos depois fazer um “livrão”, com uma história do Saci: as figuras irão sendo coladas pelas crianças, e vários sacis poderão ser desenhados ou colados, usando cópias da figura que está sendo entregue junto com esse texto. Vocês podem usar vários sacis – ou tirar cópias das ilustrações que nós oferecemos – e deixar que as crianças inventem a história e cole as figuras nas folhas. O texto da história poderá, então, ser copiado nas folhas do “livrão” que, no final, será assinado pelas crianças. Esse “livrão” não precisa ser feito no mesmo dia, as figuras recortadas podem ser guardadas e usadas outro dia.



Se muitas crianças quiserem trabalhar com você, talvez seja preciso dizer algo como: “Espere um pouco, depois eu prometo que você também ficará aqui. Todo mundo que quiser vai ter a sua vez.”



Caso as crianças gostem da ideia de “se fantasiar de Saci”, o pito e a carapuça fabricados nas mesinhas podem ser usados para encerrar esse primeiro tema: você poderá sugerir que elas andem como o Saci, numa perna só, e equilibrando “brasas” – uma bolinha de papel – em seu cachimbinho. Claro que, como sempre, nenhuma criança deve ser forçada a participar, se deixar claro que não quer participar da atividade e se não atrapalhar as outras.



Tema 2 – O Curupira

Educadora: você pode fazer esse segundo tema no dia que quiser, não é obrigatório que ele seja feito no dia seguinte ao recebimento da primeira carta do Saci. Você pode continuar trabalhando outros temas de sua rotina e ir preparando novas cartas do Saci quando achar que é um bom momento.



No começo do dia, antes do café das crianças, a educadora esconde, por exemplo, a bandeja de café. Pode pedir para as crianças ajudarem a encontrá-la. Quando a bandeja for encontrada, as crianças irão achar também uma nova carta do Saci:

Cheguei, seus moleques! Vocês estavam com fome? Pois se cuidem comigo!

“Muito bem, o que é que há de novo?”

Muita galinha e pouco ovo!”

“E amanhã? O carneiro perdeu a lã!”

“E alguém aí quer bolacha? Em toda parte se acha!”

Pois bem, criançada, vamos ver se vocês adivinham duas coisas:

– Qual é o céu que não tem estrelas?

(Educadora: Você pode escrever a resposta, de ponta cabeça, no fim da carta, ou fazer um outro bilhete do Saci. A resposta, claro, é “o céu da boca”.)

– O que é o que é? Que cai em pé e corre deitado?

(Resposta: “a chuva.”)

Sabe, meninada, eu gosto de vocês e é por isso que hoje eu vou falar sobre um amigão meu, o Curupira.

Alguém aí já ouviu falar dele? Pois então prestem atenção:

(Educadora: a seguir você verá um desenho do Curupira. Você pode copiá-lo e colá-lo na carta, ou usar como quiser.)



O CURUPIRA



O Curupira é um indiozinho selvagem, que é muito peludo, tem os cabelos vermelhos e os pés virados para trás.

Montado no lombo de bichos como o veado, o Curupira anda pela floresta, vigiando os animais, principalmente aqueles que o bicho-homem gosta de caçar, como a anta, a capivara, o tatu e um montão de outros. O Curupira só admite que os caçadores cacem para comer. Quando encontra um caçador que não respeita os bichos, que mata só por matar, de malvadeza, desses que matam até as fêmeas com filhotes que ainda não vivem por si mesmos, aí o Curupira fica muito brabo e apronta em cima dele. Querem saber o que ele faz?

Ele se disfarça num bicho de caça e vai iludindo o caçador, que vai atrás dele até se perder no meio do mato. Se esse caçador for mesmo ruim, o Curupira é até capaz de deixar que ele morra, perdido no coração da mata. Outra coisa que o Curupira faz é transformar em bichos de caça os amigos, os filhos ou a mulher do caçador, e assim eles acabam sendo mortos pelo próprio caçador.

Que coisa, né?

O Curupira anda sempre com um cachorro fiel, que tem o nome de Papamel. Além disso, é ele que ensina os papagaios de nossas florestas a cantar, sempre que vem alguém, o seguinte: Currupaco, paco, papaco!

FIM

É isso aí, criançada. Agora eu já vou índio. Até mostarda!



Educadora: A história do Curupira poderá motivar uma série de atividades como: desenho, pintura, feitura de fantasias – como pés de papel que serão usados apontando para trás; peruca vermelha; “pêlos” para pôr no corpo; disfarçar um cabo de vassoura para ser a montaria do Curupira, etc.

Se for feita uma dramatização do Curupira, o ideal seria brincar dentro de uma área verde e com árvores. Nessa dramatização podem aparecer vários outros personagens da história – como os caçadores, bichos, o Saci, etc. Você mesma pode assumir algum papel e entrar no jogo, para motivar mais as crianças.

Se o jogo tiver sido divertido, vocês poderão, ao voltar para a sala, escrever um texto sobre as atividades feitas no dia. As crianças irão “ditando” e você escrevendo. Depois de ajeitado, se o texto ficar legal, algumas crianças podem até querer copiá-lo em um caderno individual e desenhar. Você poderá ajudá-las na cópia do texto, mas não é preciso fazer o mesmo com o desenho.



Tema 3 – Mais uma do Saci

Dessa vez, educadora, você poderia chegar na sala um pouco atrasada, sem os sapatos e “descabelada”, dizendo que foi atacada. Pode até contar que viu um redemoinhozinho se aproximando e que, quando viu, já estava assim.

“De repente” você pode achar no bolso outra carta do Saci, dizendo o seguinte (lembre-se de deixar que as crianças tentem ler as cartas antes de ler para elas, e de ir parando a leitura, para que as crianças tentem repetir as parlendas e os trava-línguas, e resolvendo as adivinhações que vão sendo propostas pelo Saci):

Oi, criançada!

“O Saci não é um pato

O Saci só tem um pé

O Saci roubou o sapato

Da coitada da muié!”

Agora eu quero que cada um de vocês repita comigo uma poesia, tá bem? Então lá vai:

“Fui andando por um caminho

Eramos três, comigo quatro.

Fomos os três andando, comigo quatro.



Subimos os três um morro, comigo quatro.
Encontramos três burros. Comigo quatro!”

Peguei vocês!

“Viva eu
Viva tu
Viva o rabo
Do tatu!”

Agora vamos ver se vocês adivinham uma coisa. Depois disso, eu vou contar uma história pra vocês, tá bom?

– Quem é que, sendo irmã da minha tia não é minha tia? (Resposta: “Minha mãe”.)

– O que é o que é? Que entra na água e não se molha?

(A sombra.)

Muito bem! Agora, eu vou contar uma história pra vocês:

“Era uma vez
um gato de rabo xadrez
Quer que eu conte outra vez?”

Pronto! Peguei vocês! Agora, pra me despedir, eu quero ver quem é capaz de repetir isto aqui:

“A lara amarra
a arara rara
a rara arara
de Araraquara.”

Tchau, criançada, me aguardem que eu volto e apronto mais!



Educadora: Você pode “desafiar” as crianças para que repitam esse último trava-línguas e as parlendas que aparecem nas cartas do Saci. Porém, é sempre bom lembrar duas coisas: 1) apenas as crianças que quiserem repetir o farão. Não se deve forçar nenhuma criança a repetir, e nem tratar de maneira diferente aquelas que não mostram vontade de fazer a atividade; 2) as parlendas, os trava-línguas possuem um certo ritmo e, portanto, ao falar, as crianças devem ter toda a liberdade para acompanhar com movimentos e gestos o que estão dizendo.



Tema 4 – O galo que não era bobo

Educadora: se você conhece alguém que tenha galinhas, poderia pedir para essa pessoa aparecer reclamando que todos os seus ovos “goraram” (ou seja: estragaram e não viraram pintinhos). Pode pedir para a cozinheira deixar queimar um pouquinho de feijão e servir o almoço nesse dia sem feijão, reclamando que ele queimou. Pode dizer que perdeu o seu dedal, etc. Uma dessas pessoas pode dizer que encontrou uma carta endereçada às crianças da creche (se você achou essas ideias complicadas, pode inventar qualquer nova travessura do Saci, antes de deixar as crianças lerem a carta).

Olá, meninada!

Me digam uma coisa, o que é o que é?

“Enche uma casa completa

Mas não enche uma mão

Amarrado pelas costas

Entra e sai sem ter portão?”

(A resposta é “botão”.)

Eu sou esperto mesmo, não é, molecada? Mas não é só o Saci que é esperto. Agora eu vou contar pra vocês uma história que aconteceu com um galo muito esperto, que enganou uma raposa que queria papá-lo. Tudo aconteceu assim:



O GALO E A RAPOSA

Um velho galo, muito esperto, viu que uma raposa se aproximava e tratou de empoleirar-se bem no alto da mais alta das árvores.

A raposa, que queria muito almoçar o galo, disse para si mesma: “Já vou dar um jeito em você, seu galo malandro”. Então ela falou bem alto:

– Meu bom amigo galo, você não imagina a novidade que venho anunciar: acabou a guerra entre os animais! Lobo e cordeiro, onça e veado, raposa e galinha, todos os bichos são a partir de agora grandes amigos! Por isso é que eu peço que você desça dessa árvore e venha receber um abraço de amor e de paz.

– Que maravilha! – disse o galo. Minha amiga raposa nem pode imaginar como essa notícia me deixa feliz! Que maravilha vai ficar nosso mundo, sem todas as suas crueldades e traições. Num instante vou descer aí para abraçá-la. Eu só estou esperando que os 3 cachorros que eu estou vendo daqui de cima, e que vêm vindo para cá, cheguem, para que eles também possam participar conosco da festa de confraternização!

Assim que ouviu falar em cachorros, a Raposa não quis saber de mais nada e tratou de inventar uma desculpa qualquer:

– Infelizmente, amigo galo, estou com muita pressa e não posso esperar pelos nossos amigos cães. Fica para outra vez, está bem? Até logo.

E se mandou.

FIM

Viram só, meninada, contra a esperteza, esperteza e meia! E fiquem sabendo que essa fábula foi inventada por um grego chamado Esopo, que viveu há muuuuuito tempo... Com um galo esperto assim, até eu preciso ter cuidado, na hora de assustar as galinhas.

Agora, tchau!!!



Assim como nas outras histórias, essa poderá motivar atividades como: confecção de máscaras ou fantasias e dramatizações; desenhos e pinturas; procurar e recortar figuras de bichos; visita e observação de bichos; e muitas outras.



Tema 5 – O Zé da Roça ensina a pegar o Saci

Um dia, depois de mais alguma travessura aprontada pelo Saci, a educadora pode dizer que está cansada dele e que vai pegá-lo ou, o que sempre é mais interessante, as crianças podem receber uma nova carta, só que dessa vez quem a manda é o personagem “Zé da Roça” (que apareceu em outra “Unidade” de sugestões do Projeto Araucária, que não é mostrada nessa proposta).

Veja um possível modelo da carta do “Zé da Roça”:

Arraial do Pinhão, 29 de agosto de 1992.

Oi, pessoal da creche. Eu ouvi dizê que ôceis tão tendo uns problema cum capeta dum Saci? Eta bichinho danado, sô!



Oia, pessoal, eu vô ensiná cumé qui ôceis tem di fazê pra modo di pega o pestinha:

Primeiro, é preciso isperá um dia com muito vento e jogá uma peneira de cruzeta num redemoinho, pois em redemoinho sempre tem um Saci dentro. A peneira de cruzeta é iguar a essa que o meu amigo Zezinho da Roça tá sigurando.

Depois, é só colocá uma garrafa escura aberta dentro da peneira, que o Saci entra nela sozinho.

Daí, é preciso tampá a garrafa com uma rolha e riscar nela uma cruz.

Intão é preciso tirar a carapuça do Saci, o que não é fácil, porque o Saci fica invisível na garrafa, e só aparece di vez em quando, nas horas em que a gente tá só meio acordado, quase dormindo.

Boa sorte, pessoal, e inté!

Zé da Roça.



As crianças poderão brincar de “pegar o Saci”. Se a ideia agradar, será preciso discutir como fazer os materiais para pegar o Saci, e organizar mesinhas, antes de começar a brincar.

Para completar esse tema, você pode sugerir que as crianças que quiserem inventem, em duplas de preferência, histórias sobre o tema: “O que aconteceria se a gente pegasse um Saci?”. As histórias mais legais poderão ser escritas, ilustradas e transformadas num livro, dramatizadas pelas crianças ou com fantoches, etc.



Tema 6 – O Saci vai embora

O dia pode começar com mais alguma do Saci, antes de as crianças acharem mais um bilhete:

E daí, seus moleques?

Eu fui embora, já que estavam querendo me prender. Ninguém me tira a carapuça, nem que a vaca tussa!

Mas eu gosto muito de vocês. Até vou ensinar mais uma historinha antes de ir embora, querem ver?

“O macaco foi à feira

Não teve o que comprar

Comprou uma cadeira

Para a comadre se sentar

A cadeira esburrachou

Coitada da comadre

Foi parar no corredor.”

Agora, eu vou picando a mula. Se puder, eu escrevo. Aquele abraço!

P.S.: Me façam o favor de dar o seguinte recado pro Zé da Roça: Olha aqui, seu Zé da Roça, eu to sabendo que foi você que ensinou pra piaçada o jeito de me pegar. Se você não se cuidar, eu te pego, te pico e te ponho no perigo!



Você pode tentar discutir com as crianças “Para onde será que foi o Saci?”.

Outra ideia que pode provocar um trabalho muito divertido é a de inventar histórias a partir de certos temas, como, por exemplo:

- O que aconteceria se o Saci entrasse na história do Chapeuzinho Vermelho?
- Quem consegue inventar uma história com essas duas palavras: Saci e “bola de futebol”? Você pode mostrar duas gravuras em vez de dar as palavras.

Você ou as crianças podem sugerir outros temas. Criar histórias pode ser uma atividade importantíssima para desenvolver a imaginação e a criatividade. Como sempre, só participa quem quer e as melhores histórias podem ser dramatizadas, ilustradas e até transformadas em um livro, que irá para o “cantinho da leitura” e poderá ser trocado com outras creches e mostrado para os pais, como amostra do trabalho realizado em sala.



Tema 7 – O Saci manda notícias

O Saci irá mandar mais uma carta para as crianças, algum tempo depois de sua fuga. Se você, educadora, achar que algumas crianças ficaram tristes ou aflitas com a partida do Saci, pode mandar a carta no mesmo dia ou no dia seguinte.

Coração da Floresta da meia-noite, não interessa o dia!

E daí, seus meninos e meninas, ainda se lembram de mim?

“Então repitam:

Cata cata pum.

Cada pum,

Mata um



Como lhe munheca,
Ela pim pam pum!”

Eu já estou aqui no meio da mata entre os meus amigos e inimigos queridos. Como eu cheguei tão rápido? Vejam só o meu avião, que viaja a noite inteira:



(Aqui, educadora, você pode mostrar a figura do Saci num morcego.)

Para mostrar que eu não fiquei brabo com vocês, eu vou contar mais uma história.

Dessa vez, é a lenda que os índios da tribo Tupi contam para explicar a primeira vez que surgiu a mandioca, que é uma das principais comidas deles.

Então lá vai:

A LENDA DA MANDIOCA

O cacique de uma tribo de índios Tupi teve uma filha, que recebeu o nome de Mani.

Mani era linda, mas era branca como a Lua, não gostava de brincar, nem de conversar, nem de sair de sua oca, que é a casa dos índios. Ficava assim, sorrindo e quieta, até que um dia ela morreu, dormindo em sua rede, tranquila e sem fazer barulho.

Os pais enterraram Mani no chão de sua própria oca. Para surpresa de todos, alguns dias depois, surgiu uma plantinha do chão, bem no lugar onde Mani havia sido enterrada.

A plantinha cresceu rapidamente. Os índios então resolveram cavar a terra e encontraram uma raiz gorda, que parecia ter uma casca marrom. Tirando a casca, encontraram uma polpa branquinha, da cor de Mani.

Os índios então resolveram provar aquela raiz, adoraram e, tomando alguns galhos da plantinha, iniciaram uma plantação. Em homenagem a Mani, chamaram essa comida de Mani-oca e, diz a lenda, foi assim que surgiu um dos principais alimentos dos índios Tupi.

FIM

Bonita história, não é, meninada? Bem, eu tenho de ir indo, que a noite vai chegar e eu quero aprontar! Até um dia desses, meus amigões. Tchau!



Sugestão para trabalho depois da última carta do Saci:

Um grupo pode ficar com a educadora e você pode mostrar um “aipim” para as crianças, e perguntar coisas como: “Quem já comeu?”; “De que jeito? Frito, assado, cozido?”; “Você sabe que outros nomes tem a mandioca?” (aipim no Sul, macaxeira no Nordeste); “A mandioca é uma raiz, nasce embaixo da terra. Que outras comidas a gente desenterra?” (batata, cenoura, nabo, etc.)

As outras crianças podem fazer atividades livres, como desenho, modelagem e jogos, e também preparar materiais para serem usados depois, na dramatização desta história. Se for feita uma dramatização, é claro que ela não precisa ser igual à história original, as crianças podem mudá-la, acrescentar novos personagens, etc.



Se o personagem do Saci tiver feito sucesso, você pode preparar, de tempos em tempos, novas mensagens dele para as crianças. Você pode também inventar outros personagens imaginários, que irão sugerir atividades interessantes para as crianças.



Livros:

No preparo desta unidade nós usamos alguns livros que podem enriquecer ainda mais seus conhecimentos sobre nosso folclore e sugerir boas atividades para serem feitas com as crianças:

“Brincando de Roda”, de Iris Costa Novaes, editora Agir.



“Folclore Infantil”, de Veríssimo de Melo, editora Itatiaia.

“Parlenda, Riqueza Folclórica”, de Jacqueline Heylen, editora Hucitec.

“O Livro do Trava-Língua”, de Ciça, editora Nova Fronteira.

Além disso, nossas lembranças sobre o Saci estão ligadas à leitura do livro que o grande Monteiro Lobato escreveu sobre esse personagem folclórico, e que fez parte da infância de várias gerações de brasileiros(as). Ler Monteiro Lobato, especialmente junto com as crianças, é um grande caminho para apresentar histórias fantásticas e aventuras que ajudam a conhecer nosso folclore.



Essa foi a unidade *Folclore* do *Projeto Araucária*, trabalhada com muito sucesso por vários anos. Mas alguns problemas ocorreram, principalmente no primeiro ano de sua aplicação. O principal contratempo aconteceu quando uma educadora de uma sala de Maternal – com crianças de três anos – exagerou no “susto do Saci”, e entrou gritando na sala, com o cabelo cheio de laquê e espetado. As crianças entraram em pânico e houve uma correria daquelas...

Assim, um uso completamente errado desses personagens imaginários pode acontecer se, instigando o medo nas crianças, uma educadora fala coisas como “Se você não fizer isto, o Saci vem te pegar!”.

Não estaríamos falando disso se não tivéssemos tido pelo menos uma experiência dessas, que nos obrigou a divulgar a seguinte carta entre as creches, em complemento à unidade:

Curitiba, 03 de setembro de 1992.

SOBRE O SACI: NOTA DE ESCLARECIMENTO

Prezada educadora:

Soubemos que, em algumas creches, os conselhos para o uso do personagem “Saci-Pererê” acabaram sendo seguidos com tanta arte pelas educadoras que as crianças se assustaram.

Jamais foi nossa intenção dar ideias para assustar as crianças. O Saci é um personagem muito forte do nosso folclore e a escolha dele para apresentar uma série de atividades de alto valor educativo (envolvendo, entre outras coisas, o uso da linguagem falada, lida e escrita) tinha como objetivo motivar mais o trabalho e o jogo das crianças e, como consequência disso, suas aprendizagens.

O Saci, na nossa intenção, deveria ter sido visto como uma espécie de aliado, esperto e malandro, das crianças. Se, por nossa falha, essa ideia não ficou clara na Unidade sobre “Folclore”, pedimos muitas desculpas e assumimos a culpa por qualquer “susto” exagerado que as crianças possam ter levado.

Repetimos: o Saci deveria ser visto como um amigo, uma espécie de irmãozinho selvagem das crianças. Ao seguir as sugestões de esconder as coisas e de se “descabelar”, por exemplo, a educadora deveria estar atenta para que nenhuma criança se assustasse, controlando a sua dramatização em função da necessidade de não assustar ninguém. Afinal de contas, trata-se só de uma brincadeira.

Se alguém se assustou muito na sua sala, nós sugerimos que você explique como funciona esta unidade, mostrando-a e contando que estas são ideias que você recebe para fazer coisas interessantes e educativas com elas. O Saci era só mais uma destas ideias, era só mais uma brincadeira.

Também ouvimos críticas por estarmos ensinando sobre “o capeta”. O Saci pode ser visto, como toda criança travessa, como um “diabinho”, mas isso é só um jeito de falar. O personagem folclórico do Saci nada tem a ver com o “capeta”. Ele é uma rica criatura do nosso folclore, folclore que está ameaçado de desaparecer junto com nossas florestas. Nós escolhemos usá-lo por achar que seu estilo aberto, bem-humorado, aprontando para os homens, mas entendendo profundamente os complexos caminhos da natureza, seria útil para motivar atividades boas para o desenvolvimento de cada criança. Pedimos novamente desculpas, caso isso não tenha ocorrido.

Educadora: você pode mostrar esse texto para toda pessoa que, cumprindo bem sua função de zelar pelo que se mostra a seus filhos, tenha tido dúvidas quanto ao porquê do Saci.

Muito obrigado.





A ideia de usar o Saci, ou qualquer outro personagem, para assustar as crianças, é uma péssima ideia.

O psicólogo Vigotski – de quem falamos na Discussão 2 e que reaparece na Discussão 16 – tem uma explicação que nos ajuda a entender por que essa é uma atitude errada: ele afirma que a imaginação da criança ainda está em desenvolvimento e, apesar de ela ter uma **capacidade de imaginar menor** do que os adultos – pois tem menos experiências – a criança **acredita mais do que nós nos produtos da imaginação e no mundo da fantasia**.

Assim, uma criança pode ficar muito impressionada com frases como "o Saci vem te pegar", principalmente se forem ditas em um tom de ameaça. O mais sensato é só usar o personagem do Saci com turmas de quatro anos, ou mais, e ter bastante cuidado no trabalho com crianças menores, que podem também fazer as brincadeiras sugeridas pelo Saci.



Se a sugestão de fazer cartas imaginárias agradou, você pode começar a usá-las, criando outras mensagens com outros conteúdos e personagens, ou aproveitando o próprio Saci.

Mesmo que a sugestão de trabalhar com personagens imaginários, como o Saci, não seja de seu agrado, é importante não esquecer do imenso valor educativo das cantigas de roda, das parlendas e das rimas de nosso folclore infantil.

Isoladamente, apresentadas por você (e/ou por personagens imaginários como o Saci), parlendas, rimas, lendas podem ser trabalhadas aos poucos no "cantinho da literatura".

Ao permitir que as crianças conheçam nosso folclore, você estará preservando nossa cultura ao mesmo tempo em que enriquece muito, de maneira divertida e altamente educativa, o seu dia a dia.



Nas Referências Bibliográficas desta proposta, os livros de Heylen e o de Novaes trazem sugestões de cantigas, parlendas, etc. Mas o maior recurso para conseguir lendas, cantigas e brincadeiras tradicionais são as próprias pessoas envolvidas com as crianças, que se lembram de sua infância e de seus jogos favoritos.

No século XXI, pesquisas na Internet permitem achar não apenas referências interessantes, mas também inúmeras gravações de áudio e de vídeo que apresentam elementos folclóricos de todo o país, e que podem ser apresentadas para nossas crianças.



Os esportes, "brincadeiras" de grande valor educativo

Antes de concluirmos esta décima segunda discussão, precisamos ao menos mencionar a importância de que as crianças possam começar a **aprender um ou mais esportes**.

Os esportes ensinam a respeitar regras, a cooperar socialmente, a competir saudavelmente, etc. Qualquer esporte que seja praticado pelas crianças, além de inseri-las na cultura que pratica esse esporte, ajuda seu desenvolvimento físico, social e intelectual.



Resumindo

Talvez você já tenha o hábito de ensinar jogos, esportes, histórias, cantigas, músicas, parlendas, trava-línguas e poesias para as suas crianças. Essas são atividades divertidas que contribuem para desenvolver a linguagem das crianças, sua imaginação, seu senso de ritmo, sua capacidade de colaborar, entre muitos aspectos de sua personalidade.

Muitas dessas brincadeiras também são elementos importantes em nosso folclore e em nossa cultura. Eles são uma herança riquíssima e, ao ensiná-los às crianças, você estará ajudando a preservar uma parte de nossas tradições, ao mesmo tempo em que realiza atividades que favorecem o desenvolvimento infantil. Você também pode sempre conseguir novas ideias de brincadeiras folclóricas conversando com outros adultos da comunidade (funcionários, mães e outros) e pesquisando em livros e, cada vez mais, na Internet.

